

COTAS RACIAIS NO ORKUT: QUE CAMINHO É ESSE?

Maristela A. Guimarães¹

RESUMO

Este artigo aponta o Orkut como nova ferramenta metodológica para pesquisa. Apresenta argumentos contrários e favoráveis às cotas raciais constantes em 23 comunidades estudadas e em diferentes tópicos. Pela análise discursiva, percebe-se uma realidade escamoteada pelo mito da democracia racial brasileira: o Brasil é um país racista, as vozes levantadas demonstram isso. Comprova-se a necessidade de cotas raciais, não somente para inserção da população negra na universidade, mas, principalmente, para possibilitar uma maior reflexão sobre essa questão, pois, consideramos cotas raciais como caminho possibilitador de justiça social e de igualdade e está em plena efervescência discursiva.

Palavras-chave: orkut, cotas raciais, universidade.

Problemática Anunciada

No *Prefácio de O curso do rio: um estudo sobre a ação afirmativa no acesso à universidade* (2004, p. 11), encontramos “O problema do século XXI será o problema da linha de cor [...]. Considerado por qualquer padrão de mensuração ou avaliação, esse problema não foi solucionado no século XX e, portanto, torna-se parte do legado e do ônus do novo século”. Partindo dessa premissa, propomos estudar as cotas raciais no ensino na universidade.

Este estudo nasceu das seguintes perguntas: 1. Por que se tem discutido tanto políticas de ação afirmativa nos últimos anos no Brasil? 2. É possível a aplicação de Políticas de Ação Afirmativa no Brasil – compreendendo aqui Cotas no Ensino Superior - ou apenas estamos copiando o modelo norte-americano? 3. Quais conceitos e teorias fundamentam a ação afirmativa, em especial, que comprovam a necessidade da adoção de cotas raciais? 4. As cotas raciais são uma questão legal ou inconstitucional? 5. A adoção de cotas é responsável pela divisão racial no Brasil? 6. Há discriminação no Brasil ou somos um país cordial? 7. Seriam as cotas raciais o caminho para vencer a discriminação racial e possibilitar a inclusão do aluno negro ao Ensino Superior.

Para tentar responder essas perguntas de pesquisa, o caminho escolhido foi o da

¹ Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso - Departamento de Letras, *Campus* Universitário de Sinop. Mestre em Educação. E-mail: telinhaguimaaraes@gmail.com

pesquisa bibliográfica, documental e inspeccional. Esta última está direcionada a buscar no site www.orkut.com - comunidade virtual afiliada ao Google, criada em 22 de Janeiro de 2004, cujo objetivo é ajudar seus membros a criar novas amizades e a manter relacionamentos. O orkut hoje é muito mais que uma simples rede social, como é conhecido, pois nele encontramos não somente pessoas interessadas em fazer ou manter amigos, mas, sim, criou-se uma rede onde pessoas criam comunidades para os mais diferentes fins, um deles é expor suas opiniões a favor ou contra a política de reserva de vagas no ensino superior para estudantes negros, objeto deste estudo.

Desse modo, esta pesquisa levantou vozes que ecoaram nas mais diversas comunidades² do orkut, de pessoas³ que depositaram lá seus depoimentos a respeito da adoção de cotas nas instituições de ensino superior e, a partir dessas vozes, foram analisados os discursos de: mérito; inconstitucionalidade; impossibilidade de realizar uma classificação racial justa para saber quem é branco e quem é negro no Brasil; necessidade de melhoria da educação básica e pública; que tais medidas irão ampliar a discriminação racial e aumentar o racismo. Os depoimentos contrários levantados refletem os discursos dos teóricos também contrários à política de cotas raciais.

Este trabalho visou, enfim, transportar as vozes que retumbaram e ainda retumbam contra ou a favor da política de reserva de vagas para a população negra no ensino superior brasileiro para poder, assim, tentar responder algumas das perguntas de pesquisa acima colocadas, pois, parafraseando Carvalho (2005), a discussão sobre cotas no ensino superior para o Brasil tem obrigado os acadêmicos a se reconhecerem brancos e não somente como cientistas.

Considerando o exposto, esta pesquisa objetivou: levantar argumentos no orkut sobre a política de adoção de reserva de vagas para alunos negros; analisar esses argumentos; fundamentá-los a partir dos teóricos sociais e de dados estatísticos; situar discurso e teoria frente à nova realidade brasileira: a da necessidade de adoção de cotas para as IES públicas como meio de equacionar a desigualdade educacional no Brasil. Mas, além disso, este estudo buscou também mostrar a trajetória percorrida pelos pesquisadores, pelo movimento negro e pelo poder público que culminou na atual

² Foram pesquisadas 23 comunidades (ver anexo), cada uma delas tem entre 4 a 10 tópicos, duas possuem mais de 500 depoimentos.

³ A princípio seriam levantadas apenas as vozes dos acadêmicos, depois percebemos a necessidade de expandir, pois os depoimentos são deixados também por professores, médicos, advogados, donas de casa e alunos que ainda não ingressaram no Ensino Superior, entre outros.

situação que permitiu e permite, não só discutir, como também atuar no campo de políticas de ação afirmativa, conforme mostrado no estudo *Desigualdades e inclusão no ensino superior: um estudo comparado em cinco países da América Latina* (2005), em que as autoras afirmam: “Isto acontece em especial no Brasil: dentre todos os países da amostra é o mais avançado neste sentido, sendo ao mesmo tempo o mais desigual dentre todos em relação ao acesso ao ensino superior” (p. 109). Essa última frase também comprova a necessidade das cotas raciais que, diferente do modelo norte-americano, vivemos uma situação peculiar, pois aproximadamente 45% da população brasileira é negra e, conforme o Censo de 2002 (apud PETRUCCELLI, 2004), 16% da população negra é analfabeta.

Para finalizar esta problemática anunciada, o estudo feito pelo IPEA (2004), *Políticas Sociais: acompanhamento e análise* relata que há, no Brasil, a necessidade de democratizar o ensino superior ainda tão elitizado e que se tem também de reconhecer a universidade como “sujeito central na condução do desenvolvimento nacional” (2004, p. 63). Assim, ao pensar sobre práticas educativas, torna-se imprescindível situá-las também no contexto da educação superior como forma de superar a exclusão.

Problemática Desenvolvida

Considera-se que a adoção das cotas raciais nas universidades é um dos instrumentos das políticas de ação afirmativa, aqui entendido como caminho necessário para superação das desigualdades educacionais no país. Pois, considerando o que indica o Relatório da SECAD/ 2004:

Os dados estatísticos disponíveis apontam para um agudo quadro de desigualdade entre os grupos raciais que compõem a sociedade brasileira. O modelo de relações raciais no Brasil materializa, em toda a sociedade, um tipo de segregação amparada nos preconceitos e nos estereótipos, disseminados e sustentados pelas instituições sociais, dentre elas a escola. Essa questão transborda a esfera individual e constitui-se em fato presente no cotidiano da população negra. A cor explica parte significativa da variação encontrada nos níveis de renda, educação, saúde, moradia, trabalho, lazer, violência, etc. O racismo representa um elemento que tem determinado as desigualdades entre negros e brancos na sociedade brasileira, contrariando noções de cidadania, democracia e direitos humanos proclamadas pelo Estado”(Relatório de Gestão da SECAD, 2004).

Guimarães (1999) aponta que o marco inicial da discussão sobre políticas de ação afirmativa no Brasil em nível federal se deu em 1996, quando o Ministério da Justiça convocou intelectuais brasileiros e norte-americanos, além de um número considerável de lideranças negras brasileiras para fazer essa discussão. Tentativas anteriores, porém sem sucesso, já haviam sido propostas por Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes e Benedita da Silva. No entanto, como Guimarães afirmou, durante palestra proferida no Seminário Internacional: *Ações afirmativas nas políticas educacionais: o contexto pós-Durban*⁴, naquele momento “ninguém acreditava naquilo, nem imaginava que em menos de dez anos haveria cotas no Brasil”. Porém, é este o momento que vivemos, já são trinta e uma instituições públicas de ensino superior que adotaram cotas (ABEDI 2006, p. 12). Já o Programa Políticas da Cor/UERJ (2006) registra 43 universidades com cotas.

No orkut em 2006 apareciam apenas 24: UEA, universidade do Estado do Amazonas, UFPA, Universidade Federal do Pará; UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso; UEMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; UEL, Universidade Estadual de Londrina; UFPR, Universidade Federal do Paraná; UERGS, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, UNIFESP; Universidade Federal de São Paulo; UFABC, Universidade Federal do ABC; UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; UENF, Universidade Estadual do Norte Fluminense; UEZO, Centro Universitário Estadual da Zona Oeste; FAETEC, Fundação de Apoio à Escola Técnica; UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora; UNIMONTES, Universidade Estadual de Montes Claros; UEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais; UEG, Universidade Estadual de Goiás, UNB, Universidade de Brasília; ESCS, Escola Superior de Ciência da Saúde (DF); UFT, Universidade Federal de Tocantins; UFBA, Universidade Federal da Bahia; UNEB, Universidade do Estado da Bahia.; UFAL, Universidade Federal de Alagoas; UFPE, Universidade Federal de Pernambuco; UFRN e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Para Carvalho (2005), o processo de reserva de vagas preferencial para negros nas universidades brasileiras, embora recente, é uma revolução no mundo universitário,

⁴ Palestra proferida por Antônio Sérgio Guimarães em 20 de setembro de 2005, “Contexto histórico de desenvolvimento das ações afirmativas no Brasil”, durante o Seminário Internacional “Ações Afirmativas nas Políticas Educacionais: o contexto Pós-Durban”, ocorrida de 20 a 22 de setembro, no Auditório Petrônio Portela, Senado Federal em Brasília.

considerando “a indiferença e o desconhecimento do mundo acadêmico a respeito da exclusão racial com que, desde sua origem, convive” (2005, p. 14).

Ao tomar conhecimento das vozes que tem ecoado, ora brandas, ora intolerantes pela Internet, na página do orkut, pensamos ser possível analisá-las, compará-las e colocá-las em espaço de interlocução e poder, desse modo, estudar com maior profundidade a questão acerca da implantação do sistema de cotas raciais no ensino superior como mecanismo de inclusão educacional.

Para fazer parte do orkut é preciso receber convite, após o convite, tem-se de preencher um extenso cadastro, onde constam seu perfil e quem desejar pode postar fotos. Tais dados revelam a história de quem está cadastrado. Em se tratando do perfil, em determinado momento, aparece a pergunta: qual sua etnia? Aparecem os seguintes itens: caucasiano (branco), hispânico/latino, leste da Índia, afro-brasileiro (negro), asiático, Oriente Médio, americano nativo, ilhas do Oceano Pacífico, multiétnico, outros e não há resposta.

Outra opção está no link *comunidades*, ali o *orkuteiro*, como é denominado quem possui cadastro no orkut, pode criar comunidades, ou participar de comunidades criadas por outros.

Como *orkuteira*/pesquisadora, participei e participo de várias comunidades: 1. Contra Cotas (2); 2. Tenho Ojeriza às Cotas; 3. Eu Fui Prejudicado Pelas Cotas; 4. Eu Odeio Cotas; 5. Eu Odeio o Sistema de Cotas; 6. Contra Cotas; 7. Darwin, Centro Educacional Charles Darwin; 8. Eu Odeio as Cotas da UEA; 9. UERJ; 10. UNEMAT; 11. UFES/Brasil/Brazil; 12. Anti-Cotas Raciais; 13. Consciência Negra; 14. Homofobia e Racismo Nunca!!!!; 15. Negros; 16. Frantz Fanon; 17. Milton Santos; 18. Sou Negro, e Daí?!; 19. Ação Afirmativa; 20. 100% Contra o Racismo; 21. Cotas Sim; 22. 100% Negro; 23. Eu Fui Injustiçado Pelas Cotas; 24. Sou Negro Por Opção; 25. Comunicadores Sociais Negros; 26. Cotas-Uma Dívida Social; 27. O Maior Racismo Vem dos Negros; 28. Abaixo o Preconceito; 29. Negros Inteligentes; 30. Abdias Nascimento; 31. Hédio Silva Júnior; 32. Intelectuais Negras; 33. Sou a Favor das Cotas de 50%; 34. Cotas; 35. Fora Cotas na UFBA; 36. Cotas: Todas Justas e Corretas; 37. Cotas Sim Brasil; 38. Cotas UERJ; 39. Vamos Vencer as Cotas da UNEB. Todas essas comunidades trazem em seu interior os denominados *Tópicos*.

O que significa? A comunidade é criada por um moderador. Esse moderador

aceita os participantes e estes, por sua vez, criam tópicos dentro da comunidade e são nesses tópicos que estão os debates. Por exemplo, na Comunidade *Contra Cotas*, criada em 28 de maio de 2004, há vários tópicos. Um deles: *Sempre Aparece Um Macaco Para Roubar Vaga*, ou, ainda, *Vocês estão Vacilando*, *Cotas é Questão de Justiça*. Foram observadas, lidas e formatadas todas as opiniões para poder delimitar a quantidade de depoimentos, pontos comuns, contrários, argumentos novos, os que se repetiam, etnia dos depoentes e, quando possível, observar a cor apresentada na foto. Por exemplo, em uma foto de um acadêmico da UNEMAT, percebemos ser ele negro, há, porém, uma máscara branca pegada em seu rosto. O que isso pode significar? A quais pistas discursivas essa máscara nos remete? Como já afirmado, levantamos as comunidades e tópicos, analisamos os argumentos, comparamos, para, em seguida, selecioná-los, delimitando o número de argumentos colhidos para a apresentação.

Dessas coletas, levantamos, como exemplos 1.: o do argumento meritocrático:

- “1- Não entendo essa política como discriminação positiva;
- 2- Isso é menosprezar a inteligência do preto/negro/afrodescendente;
- 3- Pra mim a melhor seleção se faz pelo mérito que pode ser medido pelo vestibular(sem cotas, todos em pé de igualdade), pois tem caráter objetivo;
- 4- Não quero ser discriminado depois que sair da universidade pelo fato de acharem que por causa da minha cor eu só entrei na faculdade por causa das cotas, pois estudei para isso e passei com meu esforço, não precisei dessas políticas discriminatórias” (D. 1)⁵

Para Guimarães (1999), as discussões sobre Políticas de Ação Afirmativa, dentre elas, políticas a de adoção de reservas de vagas para a população negra, perpassa o caminho da discussão sobre a questão do mérito, como foi observado em muitos outros depoimentos.

Como se percebe, discute-se sobre o fato de toda e qualquer pessoa ter de ser tratada conforme suas “características individuais de desempenho e de mérito” (ibidem, p. 150), não considerando os aspectos peculiares do grupo a que se pertence. No entanto, Antônio Sérgio é decisivo quando fala sobre isso:

⁵ São depoimentos pessoais que, embora autorizados a ser divulgados, serão preservadas as identidades dos depoentes, assim serão caracterizados por número (D1...), obedecendo a ordem da coleta das informações. As transcrições dos depoimentos também serão feitas sem nenhuma correção lingüística, respeitando o discurso do depoente.

O que está em jogo é outra coisa: devem as populações negras, no Brasil, satisfazer-se em esperar uma `revolução do alto`, ou devem elas reclamar de imediato e pari passu, medidas mais urgentes, mais rápidas, ainda que limitadas, que facilitem seu ingresso nas universidades públicas e privadas, que ampliem e fortaleçam os seus negócios, de modo que acelere e se amplie a constituição de uma `classe média negra?` (1999, p. 173).

Um outro tema é o debate sobre a constitucionalidade das ações afirmativas, aqui considerando principalmente as cotas. Veja o que coloca o criador do Eu Odeio as Cotas da UEA, com 55 membros – “a comunidade da galera que eh revoltada com essa sacanagem da uea que so serve pra fazer o pessoal ir atrás de mandado de segurança”.

Sobre essa questão, Guimarães (1999) argumenta com a discussão feita por Marcelo Neves, em que este recorre a Bandeira de Melo para mostrar situações constitucionalmente possíveis de aplicar a ação afirmativa: “presença de traços diferenciados [...]; correlação lógica entre fator discriminatório e desequiparação procedida; consonância da discriminação com os interesses e valores protegidos na Constituição” (apud GUIMARÃES, 1999, p. 169).

Neves, nesse mesmo raciocínio, complementa “quanto mais se sedimenta historicamente e se efetiva a discriminação social negativa contra grupos étnicos-raciais específicos [...] tanto mais se justifica a discriminação jurídica positiva [...] que se oriente no sentido de integração igualitária de todos no Estado e na sociedade” (ibidem, p. 170).

O aspecto mais enfatizado é, como já citado, o da meritocracia, conforme coloca Carvalho (2005) “um ponto central da resistência às cotas no interior da academia é [...] meritocracia” (2005, p. 184). Para ele, resultado de um comportamento e pensamentos individualistas, práticas comuns em sociedades democráticas.

Outro aspecto levantado foi sobre a necessidade de se investir na melhoria da educação básica e pública e oferecer cota para a escola pública, como se percebe neste depoimento

Todos sabem que o ensino público nesse país é precário...Que quase não dá feramenas p/ seus alunos entrarem nas universidades...Mas isso independe da cor de sua pele....moro em um estado onde qualquer um por mais loiro que seja pode se dizer afrobrasileiro...As cotas não resolverão nada...O que falta é educação...muito me admira que em

todos os movimentos pró-cotas dos estudantes de escolas públicas que vi e acompanhei, nenhum (N-E-N-H-U-M) mencionava o pedido por uma melhoria de ensino...Essa medida paliativa não funcionará, só adiará, sabe-se lá p/ qnd, a conscientização da população da necessidade de pressionar os governantes p/ que haja uma verdadeira melhora no ensino público...E pior...essas vagas não foram tiradas de alunos ricos e loiros, que estudam nos melhores colégios de suas cidades, e sim dos que se matam de estudar em pequenos colégios particulares q nem sempre dão o apoio necessário ao vestibulando mas que é pago pq os pais se sacrificam trabalhando... Que sistema de justiça é esse??? Só no Brasil... pq aqui a Justiça é cega, surda, muda e esclerosada. (D2).

Esse depoimento é muito contundente e revela um total desconhecimento sobre a trajetória da população negra no Brasil como, por exemplo, que 84% dos universitários que cursam uma IES pública são brancos (CARVALHO, 2005), o que o leva afirmar que “não é mais possível continuar discutindo a questão da ausência dos negros do ensino superior como se o assunto girasse exclusivamente em torno da qualificação e mérito pessoal” (ibidem, p. 30-31).

Há, porém, depoimentos pró-cotas que surpreendem, como esse depoimento de um jovem branco, neto de imigrantes alemães, de 19 anos, calouro da UFES (que ainda não tem cotas). Em um texto muito interessante, ele diz:

Ae, vamos parar de fazer discussões superficiais sobre cotas, a discussão é sempre a mesma... Alguém aí já parou pra pensar sobre as causas reais dos problemas? Investigar a fundo? Alguém estudou sociologia? Alguém gosta de Ciência Política? No fundo, essas cotas são um atalho pra distribuir a qualidade de vida. Quem for contra elas, é contra o bem estar coletivo. Só está pensando em si mesmo, ou no mercado, na tecnologia, na capacitação, esquecendo das pessoas (D3).

O que aqui chama a atenção é o fato do registro da solidariedade, e a necessidade de redistribuir recursos que aqui aparece implicitamente, mas está explicitado no texto integral, e só foram localizados três, além deste, que traz esse tipo de argumento.

Ou dessa acadêmica, intitulado *Alerta geral*, postado em 21 de dezembro de 2004:

Em uma corrida de cinco séculos desde o “descobrimento”, onde o negro ficou amarrado quase quatro séculos, multiplicando as riquezas das elites sem ter direito a nada, somente ao que mantinha sua

sobrevivência, para continuar o trabalho escravo, e em que a elite ficou na corrida sem estar amarrada, mais sim causando mazelas sociais da qual sofremos as conseqüências até hoje, quem estaria na frente? É lógico que são os brancos, (sem reproduzir preconceitos, pois sabemos que também existem brancos pobres), que cresceram as custas do trabalho escravo negro, da vida do negro, que amarraram os negros para que estivessem sempre na frente, usando do discurso de que negros não são pessoas normais, não tem alma, vão para o inferno e tem que ser escravos, tirando-os do seu espaço e trazendo-os a força para as Américas para enriquecer os bolsos dos brancos europeus, dessa forma é lógico que estes estão na frente, e não por mérito, mais sim por covardia, a de submeter a raça humana a escravidão, e fazer com que as pessoas acreditem que são inferiores as outras, reproduzindo preconceito, preconceito o qual dizem agora os que acreditam que nós vivemos em uma democracia racial, que nós que produzimos quando colocamos o debate de cotas para negro, mas será esta a verdade? Estão querendo jogar a culpa do que já é produzido à muito tempo no debate que surgiu agora, para desgastar o debate, pois a elite não quer que o espaço ocupado só pelos seus filhos passe a ser ocupado por negros, fazendo com que os próprios negros não inseridos no debate deixem de discutir o papel importante das cotas (D4).

No fórum da UEMS, há outro depoimento bastante significativo, intitulado: *Cotista Um Desafio*, onde se lê:

O processo está sendo um aprendizado pra todos, ja sofríamos discriminações antes de sermos acadêmicos e sabíamos que não seria diferente na Universidade, afinal ela é uma extensão da sociedade, ou deveria ser..., A indiferença ou o medo dos professores e acadêmicos brancos e negros em tocar no assunto reflete a falta de formação e reflexão sobre a questão, alguns que se arriscam fazem com deboche, ou usam da autoridade de professor para impor a sua opinião, às vezes de forma muito parcial, fortalecendo o que chamamos de Mito da Democracia Racial. Esse negócio de que cotista tira a vaga de aluno branco que teve notas boas no vestibular é um dos argumentos que mais ouço, ninguém questiona o vestibular, é mais fácil falar de cotas para negros, por que é meio que naturalizado a condição de miséria e exclusão que vivem a maioria dos negros e muitos brancos. O problema não é a cor, mas o processo histórico a que foram submetidos esses povos. Outro ponto é, por que ninguém questiona que os alunos que vem de outros Estados tiram as vagas dos alunos do nosso Estado? Acho muito bom a presença de vários Estados na Uems, afinal o nome já diz Universidade, mas é curioso que ninguém questione o fato de pessoas que tem condições financeiras cursar uma Universidade Pública enquanto tantos outros pobres fiquem de fora. A questão é que as pessoas são individualistas e não estão preocupadas com problemas sociais, cada um quer garantir a sua vaga e pronto não importando-se com os fatos políticos que norteiam os rumos da Universidade e o tipo de Educação que temos. Aos negros que são cotistas, ou não, e as pessoas de bom senso cabe o desafio de

construirmos espaços de reflexão coletiva, onde possamos nos ajudar e fortalecer a luta que com toda certeza não começou agora, (com o processo de cotas) mas através da organização e estudo de muitas pessoas que tem compromisso com a humanização e emancipação da sociedade brasileira (D5).

Percebe-se nesse depoimento um desabafo contra uma situação que permeia a sociedade: o racismo dissimulado, há, porém, um tom de otimismo quando se fala em “aprendizado” e em construção de “espaços coletivos”. Esse depoimento traz algumas questões muito interessantes: “Esse negócio de que cotista tira a vaga de aluno branco que teve notas boas no vestibular é um dos argumentos que mais ouço, ninguém questiona o vestibular”. Mas por que isso acontece?

Exatamente porque a sociedade apóia a questão do mérito, conforme afirmam, tanto Carvalho, como Guimarães. E muitos desconsideram que o vestibular apenas mede a pontuação final obtida pelos candidatos, não mede, contudo, a trajetória escolar e de vida de cada um, ponderação feita de acordo com Carvalho (2005), e pode ser corroborada pelos estudos feitos por Sverdlick, Ferrari e Jaimovich (2005) que, ao analisarem o ensino superior no México, Brasil, Argentina, Colômbia e Chile, preocupam-se em verificar a forma de ingresso nas universidades de cada um desses países e concluem para o Brasil “Se nos concentrarmos sobre a demanda efetiva, [...], poderemos verificar que a relação entre vagas oferecidas, candidatos inscritos e ingressos efetivos aponta para a característica excludente de mecanismos de ingresso como o exame vestibular” (2005, p. 40).

Esta pesquisa quando foi pensada considerou importantes análises já realizadas sobre o assunto como, por exemplo: a) José Jorge aponta que se as universidades continuarem a negar acesso à população negra, certamente vamos “conviver mais cem anos com o incômodo mérito de sermos uma das academias étnica e racialmente mais excludentes do mundo” (p. 38); b) os dados do IBGE (apud SANTANA, 2006, p. 59) que confirmam a exclusão social dos negros, como: “a taxa de analfabetismo é de 12,8% no Brasil. Entre os brancos, cai para 7,5%., todavia entre os pretos e os pardos supera 16%; 61,4% dos pretos e 53,3% dos pardos que fizeram o provão o ano passado cursaram todo o ensino médio em escola pública. Todavia, esse grupo representa apenas 34,7% dos alunos nas universidades federais”; c) em 2002, foi desenvolvida a pesquisa “Projeto Políticas de Ação Afirmativa nas Universidades Federal Fluminense e Federal de Mato Grosso” coordenado pelas pesquisadoras Iolanda de Oliveira, Moema de Poli

Teixeira, Maria Lúcia R. Muller et alli e objetivava discutir a questão do ingresso e permanência de negros e mestiços nessas duas universidades. Um criterioso trabalho foi feito e se percebeu: na UFMT “os alunos afrodescendentes concentram-se nos cursos das áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais. Entretanto, os alunos negros são raros entre os cursos de maior prestígio acadêmico e social, como Medicina” (2002, p. 18). O estudo foi concluído e os resultados esperados foram, em parte, alcançados, foi observada, porém, a necessidade de adoção de cotas em ambas as IES, realidade hoje na UFF, no entanto a UFMT, apesar dos sérios trabalhos desenvolvidos, ainda não obteve êxito nessa questão, pelo contrário tem se oposto veementemente contra o sistema.

Ao longo deste estudo observou-se que se tem criado uma nova forma de preconceito, mais sutil, porém não menos agressiva, de acordo com Camino et all (2000), constituído, por um lado, pela afirmação de valores igualitários [...] e, por outro lado, pela oposição [...] a políticas congruentes com os valores igualitários. Assim, uma política de quotas de ingresso na universidade para minorias raciais é atacada em nome da igualdade de direito para todas as pessoas, independente de sua origem (2002, p. 15-16).

Considerações Finais

Este artigo objetivou pensar a responsabilidade e necessidade de estudar as políticas de ação afirmativa, em especial, as cotas raciais no ensino superior sob o ponto de vista dos diferentes depoimentos registrados no orkut. A partir da análise desses depoimentos, de estudos teóricos e documentais, mostramos que as cotas raciais é um caminho, ainda que insuficiente, importante para permitir a inclusão educacional no Brasil.

Dando voz a um depoente da UEMS:

Como julgar preconceituosa uma ação afirmativa que visa a integração de classes historicamente desfavorecidas? A universidade não parte do princípio de que essas pessoas são inferiores intelectualmente para, assim, justificar a oferta de cotas; pelo contrário, nossa instituição vislumbra contribuir para o desenvolvimento de toda a capacidade intelectual dessas pessoas que se mantém oprimida pela renegação social. Vivemos em uma sociedade hipócrita, onde "riquinhos", que se sentem lesados por políticas sociais condizentes com a realidade brasileira, julgam impropriedades ações tendentes a minimizar os efeitos de uma discriminação histórica, valendo-se do slogan "cotas é preconceito".

Tudo hipocrisia. Essas pessoas nunca adentraram na realidade de um desafortunado que não tivera acesso às mínimas condições de uma educação digna. O dogma de que nosso país, em função da heterogeneidade de raças, não apresenta discriminação social é pura politicagem... politicagem daqueles que querem apresentar nosso país como um verdadeiro Estado Democrático de Direito, onde todos são iguais, sem distinção de sexo, raça, cor, blá blá blá tudo mentira. Nossa nação, infelizmente, é 100% preconceituosa. As estatísticas demonstram isso. A população brasileira pobre é composta quase que absolutamente por negros. No que se refere aos índios, verificamos que 99,99% desse povo não apresentam as menores condições de saneamento, educação, lazer, saúde, alimentação. Hora, qual o papel social da Universidade Pública? Reiteramos aqui o termo “Público”: nossa universidade movimenta-se com dinheiro público. Faz algum sentido a monopolização da educação superior pública pela classe burguesa em detrimento das camadas marginalizadas pela própria sociedade? Acho que não. Acredito, sim, que não basta a oferta de cotas na Educação Superior para minimizar as disparidades sociais existentes entre as diversas raças que integram nossa pátria. Ao instituir políticas dessa natureza, a instituição deve efetivar ações que viabilizam a permanência desses “desfavorecidos” na Universidade, uma vez que não podemos fechar os olhos para o fato de que essas pessoas foram submetidas a uma educação básica de má qualidade (mais um ato de discriminação). Conclusão: as cotas não se justificam por uma inferioridade intelectual de grupos étnicos específico, muito menos em função da cor da pele, pelo contrário, esses tipos de ações afirmativas se justificam perante o fato de que essa parcela do povo brasileiro sofreu, durante séculos, discriminação de cunho social, cultural e econômico, o que as renegaram à marginalidade da sociedade contemporânea (D6).

A partir dos dados expostos, dos depoimentos levantados, das representações discursivas e da situacionalidade do “lugar de fala” de cada depoente, pensamos que esta pesquisa aprofundou o debate sobre a necessidade de cotas nas instituições de ensino superior e também pode possibilitar uma maior reflexão sobre esse tema que não se esgota aqui, apenas se inicia, considerando que cotas para a população negra é um caminho possibilitador de justiça social e de igualdade e que está em plena efervescência discursiva.

Por fim, por que se enveredar por tema tão espinhoso? Cremos que nunca haverá respostas prontas, acabadas, na ciência, ela precisa ser buscada e, em nosso caso, procuramos dialogar com Antônio Sérgio Guimarães, Ricardo Henriques, Nilma Gomes, Iolanda de Oliveira, Moema Poli Teixeira, Maria Lúcia Müller, Marcelo Paixão, Joaquim Barbosa Gomes, apenas para citar alguns estudiosos que estão engajados nessa discussão e pelos dados quantitativos apontados pelo IBGE, pelo PNAD, pelo INEP,

órgãos nacionais responsáveis pela pesquisa sobre os diferentes índices estatísticos da população brasileira. Mas parte da resposta já foi explicitada no primeiro parágrafo deste trabalho: é preciso assumir a responsabilidade sobre o problema que nos foi deixado como legado do século passado “o problema da linha divisória de cor [...]”.

Referências

BOWEN, Willian G.; BOK, Derek. *O curso do rio: um estudo sobre a ação afirmativa no acesso à universidade*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CARVALHO, José Jorge de. *Inclusão étnica e rRacial no Brasil: a questão de cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. *Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade: o Direito como instrumento de transformação social*. A experiência nos EUA. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo: Ed. 34. 1999. _____. Contexto histórico de desenvolvimento das ações afirmativas no Brasil. SEMINÁRIO INTERNACIONAL: “Ações afirmativas nas políticas educacionais: o contexto pós-Durban. Brasília: Senado Federal em 20/09/2005. Palestra.

IPEA. *Políticas sociais acompanhamento e análise*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Agosto de 2004.

PETRUCELLI, José Luís. *Mapa da cor no ensino superior brasileiro*. Rio de Janeiro: UERJ/Programa Políticas da Cor, 2004. (Série Ensaios e Pesquisa).

SANTANA, Moisés de Melo. *A proposta de cotas para negros/las na Universidade Federal de Alagoas: contemplando a raça e o gênero*. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Tempos de Lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 57-65.

SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH. *Desigualdade e Inclusão no Ensino Superior: um estudo comparado em cinco países da América latina*. Tradução Ana Carla Lacerda. Buenos Aires: LPP, 2005. (Série Ensaios e Pesquisas).

Webgrafia

CAMINO, Leôncio et alli. *A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica*. Revista Psicologia Política. Junho de 2000. <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/pdfv1r1/Leoncio.pdf> . Acesso em: 27 de jul de 2006. Ensinar

Direito. Boletim Informativo da Associação Brasileira de Ensino do Direito – ABEDI – Ano I, n.04 , Fevereiro de 2006. http://www.abedi.org/boletim/ENSINAR_DIREITO_4.pdf . Acesso em: 28 de fev. de 2006.

Fórum Uems. <http://www.uems.br/forum/index2.php>. Acesso em: 03 de abr. de 2006.

Fórum Uems.<http://www.uems.br/forum/show.php?fid=24&id=76>. Acesso: em 03 de abr. de 2006.

Fórum Uems.<http://www.uems.br/forum/show.php?fid=24&id=67>. Acesso em: 03 de abr. de 2006.

<http://www.orkut.com.br>.

<https://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=63409>. Acesso em: 26 de fev. de 2006.

<https://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=63409&tid=2456536068557165140&start=1>. Acesso em: 28 de mar. de 2006.

PROGRAMA POLÍTICA DA COR/UERJ. http://www.lpp-uerj.net/olped/AcoesAfirmativas/universidades_com_cotas.asp. Acesso em 07 de jul. de 2006. Relatório de Gestão SECAD 2004 . [Www.inep.gov.br/download/inep/relatoriogestao2004.pdf](http://www.inep.gov.br/download/inep/relatoriogestao2004.pdf). Acesso em: 31 de mar. de 2006.

TEIXEIRA, Moema de Poli, et. alli. *Projeto Políticas de Ação Afirmativa nas Universidades Federal Fluminense e Federal do Mato Grosso*. http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_RC_ST24_Teixeira_texto.pdf . Acesso em: 04 de mar. De 2006.

RACIAL QUOTAS IN ORKUT: WHICH WAY IS THAT?

ABSTRACT

This paper points out orkut as new methodological tool for research. It presents favouring and against arguments about racial quotas in 23 communities studied and in different topics. For the discursive analysis, realizes it is a reality concealed by the myth of brazilian racial democracy: Brazil is a racist country, and the voices raised show this. The perception of requiring for racial quotas, not only for inclusion of black people in universities, but mainly to allow a greater reflection on this issue, therefore, it is believed that racial quotas are enabled paths of social justice and equality and is in full effervescence discourse.

Keywords: orkut, racial quotas, university.

ANEXO

Comunidade	Tópicos dentro da Comunidade
1. Contra Cotas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Manifesto contra cotas 2. As cotas são inconstitucionais 3. Sou negra e contra cotas 4. Negros ricos discriminam negros pobres 5. Cotas raciais ou sociais? 6. Cotas para estudantes de escolas públicas 7. oq vc faria ao invéz das cotas? 8. Como ressarci os prejuízos que o negro carrega? 9. Apartheid 10. Fator positivo das cotas 11. Perfil do cotista 12. Desabafo 13. Cotista=vagabundo
2. Milton Santos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cotas sim!!!
3. Tenho Ojeriza às Cotas	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que eles pretendem??
4. Eu Fui Prejudicado Pelas Cotas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cotas sim 2. Estatística dos prejudicados
5. Eu Odeio Cotas!! “No Cotas”	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cotas sim 2. Adversidades em cotas
6. Eu Odeio o Sistema de Cotas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cotas Sim
7. CONTRA COTAS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sempre aparece um macaco para roubar vaga; 2. Vocês estão vacilando; 3. Cotas é questão de justiça. 4. Cu pra todos!!
8. Darwin, Centro Educacional Charles Darwin	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sobre cotas 2. Contra cotas nas universidades
9. Eu Odeio as Cotas da UEA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sobre cotas
10. UERJ	<ol style="list-style-type: none"> 1. Por que privilegiar os negros 2. Preconceito contra cotista 3. Cotas e leis que “apóiam” 4. Cotas, um testemunho 5. Pior desempenho entre os cotistas 6. Cotas
11. UFES/Brazil/Brasil	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cotas 2. A favor das cotas ou não? 3. Protesto dia 05 pró-cotas

	<ul style="list-style-type: none"> 4. Cotas. (cotas para putas) 5. Sistema de cotas
--	---

Comunidade	Tópicos dentro da Comunidade
12. Anti-Cotas Raciais;	<ul style="list-style-type: none"> 1. Por que vocês ainda não perceberam que esse cara é fake (sobre João Rufino dos Santos) 2. Orgulho branco 3. Dívida Social?? Eu não tenho! 4. Mito das cotas ruiu com o livro de Ali kamel 5. Negro contra cotas 6. Para quem é contra cotas 7. Mais um negro contra cotas 8. Bom sou a favor de cotas e explico o por que 9. Para os membros de Mato Grosso 10. Anti-cotas estudam o ano todo para passar.....
13. Ação Afirmativa	<ul style="list-style-type: none"> 1. Negro de alma branca 2. Quem tem raça é cachorro
14. Cotas Sim!	<ul style="list-style-type: none"> 1. Vocês têm de entender 2. Vamos todos agir assim 3. Os comuns quatro argumentos contra 4. Cotas sim!!
15. Fui Injustiçado Pelas Cotas	<ul style="list-style-type: none"> 1. Quadro negro
16. Cotas - Uma Dívida Social	<ul style="list-style-type: none"> 1. Dívida social – eu não tenho 2. Diploma de cotista? 3. Comunicado aos anti-cotas 4. Você aceitaria ter seu diploma marcado “COTISTA” 5. Coisas erradas sobre as cotas
17. Sou a Favor das Cotas de 50%;	<ul style="list-style-type: none"> 1. Repúdio ao sistema de cotas
18. COTAS	<ul style="list-style-type: none"> 1. Cotas fazem aumentar o preconceito 2. Não. 3. Cotas Já!!!
19. Fora Cotas na UFBA	<ul style="list-style-type: none"> 1. Vc já foi prejudicado pelas cotas? 2. éééé o q vc acham que pode ser feito para acabar

20. Cotas: Todas Justas e Corretas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Absolutamente contra cotas 2. Absolutamente a favor das cotas
21. Cotas Sim Brasil	<ol style="list-style-type: none"> 1. É preciso apostar!
22. Cotas UERJ	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contra ou a favor das cotas? 2. Racismo cordial 3. Cotas dinamizam a economia 4. Sim ou não? 5. Cotas = racismo
23. Vamos Vencer as Cotas da UNEB	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contra por que?